

# sobre tudo

## O TORNAR-SE PROFESSOR NAS SUBJETIVIDADES, NA ARTE E NAS ESCOLHAS DA VIDA COTIDIANA

Márcia Bomfim

Emmanuella Farias de Almeida Barros

**Resumo:** Este relato propõe pensar e narrar experiências educativas preexistentes em encontro à formação docente, através da intervenção social Pekolah: Uma História Contada em Nós. Desse modo, realizamos três oficinas diferentes, em contextos diversos e que conjugam com a temática do ser professor e das ações antirracistas na educação. Em razão disso, o objetivo desse relato é trazer à tona uma reflexão sobre o exercício de ser professor e professora antes de encaminhar-se a uma carreira docente no campo acadêmico, uma vez que retrata o processo de subjetividade enfrentado pela primeira autora. Além, é claro, de repensar as pluralidades para contemplar as narrativas negras. Neste sentido, a metodologia tem um teor descritivo, que analisa, avalia e reflete acerca do relato de experiência com característica crítica e hermenêutica. Os resultados dessa oficina indicaram que se faz necessário continuar, a fim de seguir com a disposição de ir em direção a ultrapassar a crueldade do racismo, de contemplar as

pluralidades de cada existência, conhecer e despertar a criança interior que há em cada um de nós. Mas principalmente, refletir sobre como os caminhos da prática docente de maneira experimental afetam e asseguram as nossas escolhas, posto que produzimos o conhecimento de mundo com criticidade, ciência, autenticidade, também com amor, trazendo à tona a promessa de encorajar o interesse de ser professor.

**Palavras-chave:** Experiência docente; Oficina; Racismo.

**Resumen:** Este relato se propone pensar y narrar experiencias educativas preexistentes en el encuentro de la formación docente, a través de la intervención social Pekolah: Uma História Told em Nós. De esta manera, llevamos a cabo tres talleres diferentes, en diferentes contextos y que se conjugan con el tema del ser docente y las acciones antirracistas en la educación. En consecuencia, el objetivo de este informe es traer a la luz una reflexión sobre el ejercicio de ser profesor antes de emprender la carrera docente en el campo académico, ya que retrata el proceso de subjetividad enfrentado por el primer autor. Además, por supuesto, de repensar las pluralidades para contemplar las narrativas negras. En este sentido, la metodología tiene un contenido descriptivo, que analiza, evalúa y reflexiona sobre el relato de experiencia con carácter crítico y hermenéutico. Los resultados de este taller indicaron que es necesario continuar, para continuar con la voluntad de ir hacia la superación de la crueldad del racismo, contemplar las pluralidades de cada existencia, conocer y despertar el niño interior que hay en cada uno de nosotros. . . Pero principalmente, reflexionar sobre cómo las formas de hacer la práctica docente de manera experimental inciden y aseguran nuestras elecciones, ya que producimos el conocimiento del mundo con criticidad, ciencia,

autenticidad, también con amor, sacando a la luz la promesa de incentivar el interés. de ser maestro.

**Palabras-clave:** Experiencia en la enseñanza; Taller; Racismo.

Este trabalho traz relatos descritivos acerca de três momentos distintos em que realizamos práticas de experiências antirracistas em eventos acadêmicos. Cada momento realizado contou com especificidades próprias e com um público-alvo diverso, o que desencadeou em mudanças de enfoque nas três vivências mais adiante relatadas.

Nesse sentido, este relato caracterizou-se através da metodologia descritiva, que, por sua vez, irá se dedicar em aprofundar a reflexão e a construção do conhecimento, com a intenção de navegar sob as realidades negras, desnudando o perigo das histórias únicas (ADICHIE, 2009) e abrir espaços para observar/compreender o lugar de fala dos sujeitos envolvidos. Portanto, essa investigação atua conforme foi dito por Silva & Menezes (2000, p. 20), a qual conjectura que:

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O

processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

E também, dentro destas perspectivas, fundamentamos este relato com a atribuição científica reflexionada segundo MATTAR (2001, p. 23), ao declarar que “o pesquisador precisa saber exatamente o que pretende com a pesquisa, ou seja, quem (ou o que) deseja medir, quando e onde o fará, como o fará e por que deverá fazê-lo.” Seguindo à risca os critérios acertados para a produção do relato como objeto do conhecimento, respaldando a comunidade científica.

Desse modo, a primeira experiência presente desenvolve-se em torno do seu objetivo principal que é contextualizar a formação docente a partir da proposta Pekolah: Uma História Contada em Nós, que é uma oficina de macramê, a qual se cria bonecas têxteis, chamadas Pekolah. Ela nasceu com o destino de navegar e demonstrar a importância da companhia de bonecas negras e da pluralidade de seus corpos (das pessoas com deficiências) na vida das crianças, valorizando a representatividade, conjuntamente com o pensar a sua matéria-prima com responsabilidade ambiental e certamente, a assiduidade despontada pela personagem Pecola Breedlove, da obra “O Olho Mais Azul” de Toni Morrison. Esta intervenção, portanto, escreve uma carta de amor a toda cria e a toda a sua criação. Sendo ela, o caminho de umavoz que narra a sua própria história e transformando-se numa mensagem de ternura a toda narrativa preta, que, em oferenda, entrega o espelho da contemplação da própria natureza, da singular divindade. É um lugar que somente quem (re) conhece as marcas de sua alma, carne e coração terá o parecer da sua voz, pois ninguém fala por elas.

Ao discorrer sobre a performance na criação das poéticas têxteis, dos diálogos, das práticas de ensinar e aprender conforme

existe o confronto entre o eu e o outro, o foco deu-se em direção à possibilidade de aprofundar os meus conhecimentos para me tornar professora. Em uma forma que apenas se traduz quando a teoria se movimenta, e que se renova na curiosidade de conhecer com mais profundidade a educação. Os efeitos dessas trocas de saberes despertaram a seriedade em compreender o lugar que almejava ocupar no mundo e sem o viés da dúvida comunicar a sua importância.

Diante disso, os objetivos deste relato de experiência apresentam em seu cerne o valor e o contato com o exercício docente, de maneira prévia, sendo esta uma alternativa para criar novas histórias, onde aquele que se encontra como professor seja encorajado e amparado por suas escolhas.

A fim de pensar e narrar as experiências têxteis - com foco na técnica milenar macramê - quevã na contramão do racismo, essa primeira oficina procurou reunir-se à jornada de sustentabilidade ao fazer o reaproveitamento de materiais e o cuidado prévio em selecionar aqueles que têm a sua composição biodegradável, como maneira de resgatar e preservar a criança interior que existe em cada um de nós.

Destarte, tais circunstâncias e interesse, portanto, deu-se como ponto de partida o projeto de intervenção social Pekolah: Uma História Contada em Nós. Em sua primeira edição, a estreia ocorreu no dia 21 de novembro de 2019, com a carga horária de 4 horas, no III Encontros Culturais da UPE (ENCUPE), dentro da I Semana Científica do Agreste Pernambucano da Universidade de Pernambuco (SECAP). No preâmbulo desta intervenção, trabalharam-se recortes do livro “O Olho Mais Azul”, da escritora vencedora do Nobel de Literatura de 1993, Toni Morrison, com a finalidade de questionar os processos de embranquecimento dos brinquedos, e em especial, este contexto dentro das brincadeiras com as bonecas. A esta vista,

os diálogos vestiam as narrativas dentro da realidade dos participantes, já que em conformidade com a sensibilidade narrada pela personagem Pecola Breedlove, que situa o desejo de não ser quem é, pois:

Toda noite sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. (...) Levaria muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse. Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas. (MORRISON, 2009, p. 50)

Assim como também a leitura de mundo, as quais se voltam com atenção para outras realidades, sendo protagonizada pela fala de Cláudia, umas das principais narrativas presentes, que trará a revolta, decepção e desconforto ao descrever as sensações e emoções ao verem-se distantes da padronização das bonecas:

As outras bonecas, que supostamente me dariam grande prazer, tiveram êxito em fazer o oposto. Quando a levei para a cama seus membros duros resistiam ao meu corpo - as pontas dos dedos afilados naquelas mãos com covinhas arranhavam. Se eu me virasse dormindo, a cabeça fria como um osso batia na minha. Era uma companheira de sono muito desconfortável e patentemente agressiva. Segurá-la não era mais gratificante. A gaze ou renda engomada do vestido de algodão tornava

irritante qualquer abraço. Eu tinha uma única vontade: desmembrá-la. Ver do que era feita, descobrir o que havia de tão estimável, desejável, de beleza que me havia escapado, e aparentemente só a mim. (MORRISON, 1994, p. 25)

E de como o racismo afeta desde a infância, e, outrossim, quais caminhos podemos percorrer para contemplar a pluralidade das existências. Na segunda fase, começamos a produção das Pekolahs. Na medida em que cortávamos os fios, cortávamos as ausências, as distâncias da nossa criança interior. Aproximando-se cada vez mais do que queríamos. Ao mesmo tempo em que semeamos novos sentimentos para a nossa criança interior e de todas as crianças negras, muitas vezes esquecidas pela sociedade. Seguindo a oficina, pouco a pouco, confeccionamos nossas bonecastêteis. Cada uma representava a criança que somos e a infância que desejamos para as outras crianças. O grupo estava formado por graduandos de licenciatura, pessoas da comunidade acadêmica e a minha presença, até então, encaixava-se na comunidade fora da universidade, enquanto somente artesã.

Já na segunda intervenção, o projeto teve o convite de uma das oficinairas do ENCUPE, para participar do “Dia da Beleza”, na escola quilombola do Castainho Escola Virgílica Garcia Bessa, no dia 22 de novembro de 2019. Nesta oportunidade, deixamos de lado a reflexão direta da literatura de Toni Morrison, e passamos a explorar mais a produção das bonecas Pekolah.

O nosso público eram crianças quilombolas das séries iniciais, que surpreendentemente tiveram em sua composição, majoritariamente meninos. Estes, que com muita dedicação, produziram mais de uma boneca para honrar as mulheres da família, sendo estas, mães, tias, primas. Mas também, a si. Devido à dinâmica

e disposição das crianças em participar, foi necessária a espontaneidade do apoio de duas estudantes para desenfrear os processos criativos até a sua fase final. Foi nesta edição, que pela primeira vez, me veio o combustível para firmar o meu desejo em aprofundar os meus estudos para além da arte, senão para a educação.

Atualizar-se, rever conceitos e (re) significar a prática pedagógica para poder responder às demandas sociais fazem parte das propostas de formação continuada. Porém, conhecer as novas teorias, estar ciente dos avanços na Ciência da Educação e poder discutir as tendências pedagógicas atuais, são conhecimentos que irão contribuir não somente na prática pedagógica em sala de aula do professor. (PERRENOUD, 1993, p. 200).

E por último, Pekolah: Uma História Contada em Nós circulou através da produção independente Quintal Cultural Garanhuns, dia 31 de Janeiro, na antiga Cozinha da Bruxa. Esta reuniu um público mais diversificado socialmente e economicamente. Entre eles, estavam artesãs, professoras universitárias, profissional agroecológica, crianças entre 4 e 6 anos, estudantes, entre outros. Aqui, se pontuou fortemente a presença da arte têxtil como possibilidade de caminho para expressar as emoções. A cada Pekolah nascida, nascia o reconhecimento do fazer. A professora universitária, em uma das suas falas, disse que a arte, em todas as suas tentativas, sempre lhe pareceu um desafio e que “hoje, eu fiz arte e um amuleto para lembrar que ela me fez sua.” Aqui, afirmei o gosto por ensinar o que sei e aprender o que não sei.

Minha presença no mundo, com o mundo e com os outros implica o meu conhecimento inteiro de mim mesmo. E quanto melhor me conheça nesta inteireza tanto mais possibilidade terei de, fazendo História e por ela sendo feito, como ser no mundo e com o mundo, a “leitura” de meu corpo como a de qualquer outro humano implica a leitura do espaço. (FREIRE, 1997, p. 48)

Por meio desses relatos com a experiência através das narrativas têxteis deu-se presente o desejo em aperfeiçoar o exercício docente, compreendendo melhor as possibilidades e desenvolver o conhecimento através do desembalar da curiosidade, espontaneidade dos eventos e dos resultados. De forma despreziosa, mas intensa, tornou-se o motivo itinerário - e certo - para trilhar o caminho da educação e dedicar-me ao estudo da Pedagogia.

No ano seguinte, em 2020, tive a oportunidade de responder conjuntamente com minhas companheiras e companheiros de sala de aula, a pergunta acerca da escolha do curso durante a realização da disciplina Fundamentos Sociológicos da Educação. O professor, ao levar em consideração tais questionamentos, mapeou duas estudantes - a qual me incluiu - que tiveram a carreira acadêmica já definida previamente entre uma turma de 50 estudantes. Entretanto, é importante sublinhar que não se leva a interromper o caminho para encontrar-se no ofício docente, visto que a formação cria esses espaços de diálogos e pontes para reconhecer-se neste fazer. Por outro lado, sabemos que, a desvalorização do educador/a, permeia este espaço-tempo nas esferas de enfrentamentos: a sobrecarga, salários inadequados, conflitos na sala de aula, ausência

de uma rede solidária que apoie os professores e professoras através do Estado e toda a comunidade social e cultural, e também a resistência de didáticas conservadoras. Esta que, por último, entra em duelo com a necessidade de reorganizar-se mais uma vez tendo em vista o cenário incerto da Covid-19 que realça tais problemáticas e coloca em evidência a urgência de reinventar-se com a educação. Assim, devido ao que se foi posto, o interesse na atuação docente tornou-se desprezioso aos sonhos de novos estudantes acadêmicos, uma vez que dentro da condição de estudante na sua formação básica mantiveram-se atentos aos enfrentamentos diários dos professores. Estas são algumas reflexões que contribuirão e trazem o panorama de desapeço e desmotivação para ocupar este lugar. No entanto, se faz imprescindível saber:

Quando o que prevalece e tende a prevalecer é uma visão estreita, minimalista e imediata da formação de professores - capacitação, treinamento manual, minicurso, oficina, métodos, técnicas, receituários, fórmulas -, alguém deve ressuscitar o imperativo de uma formação íntegra, rigorosa e exigente dos educadores; ir ao resgate de sua inteligência, de sua criatividade e de sua experiência como matéria-prima de seu próprio processo educativo; recuperar a unidade entre teoria e prática como espaço para reflexão e aperfeiçoamento pedagógico; voltar aos temas fundamentais, aqueles sem cuja compreensão e revisão deixando cair em um lugar estéril os melhores textos, os mais modernos métodos e técnicas de ensino. (TORRES, 1994, s/p)

E por este motivo, foi significativo perceber a vontade de construir-me docente durante as minhas experiências anteriores e a partir delas, identificar o meu fazer/querer no mundo - de ser professora -, pois compreendi que a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele, na qual fiz destas palavras o meu caminhar. (ARENDDT, 2011)

As sementes das Pekolah floresceram com sensibilidade, alcançando os lugares inimagináveis em mim e nas pessoas que fizeram - a partir das trocas, dos seus sentimentos - a rega, a prosperidade de fazer da nossa volta um lugar para histórias de possível. Os seus frutos foram saboreados e trouxeram novas sementes, pois tivemos a honra de ter o projeto mencionado, com muito esmero e atenta descrição, no trabalho acadêmico de graduandas de psicologia, que acompanharam intensamente a execução deste último trabalho. No mais, se faz preciso continuar com esta intervenção social, criar laços fortes, com linhas e emoções, rumo ao autoconhecimento, transmudando o sentido que damos à natureza, reconhecendo que somos feitos dela e por ela somos feitos.

Ao levar em conta as experiências de ensinar através da arte, e os resultados que foram arrebatados, considerando a formação de professora como uma narrativa possível, cabe ao agora refletir sobre como os caminhos da prática docente de maneira experimental afetam e asseguram as nossas escolhas. E, neste sentido, acreditar nessas práticas como o combustível para nos transportar a um lugar onde produzimos o conhecimento de mundo com respeito, reflexão e compromisso com o projeto social que assumimos.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª Edição, 2019.

ARENDRT, Hannah. **Entre passado e futuro**. Perspectiva, 7ª edição, 2011.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Olho D'água, 1997. Disponível em <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf> Acesso 30 de Setembro de 2021.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 3ª Edição, 2001.

MORRISON, Toni. **Ojos Azules**. Ediciones B, 1994.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000.

## NOTAS DE AUTORIA

**Marcia Bomfim** é discente do curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco *Campus* Garanhuns.

Contato: [marcia.bomfim@upe.br](mailto:marcia.bomfim@upe.br)

**Emmanuella Farias de Almeida Barros** é Pedagoga e doutoranda do programa de Pós-graduação em Educação pela UFPE.

Contato: [emmanuelbarros@gmail.com](mailto:emmanuelbarros@gmail.com)

## Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

BOMFIM, Marcia; BARROS, Emmanuella F. de A. “O tornar-se professor nas subjetividades, na arte e nas escolhas da vida cotidiana”. [Sobre Tudo](#), v. 13, n. 1, p. 85-97, 2022.

## **Financiamento**

Não se aplica.

## **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

## **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

## **Licença de uso**

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da [Revista Sobre Tudo](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

## **Histórico**

Recebido em: 30 set. 2021

Aprovado em: 29 jun. 2022

Publicado em: 31 jul. 2022